

## COMENTÁRIO BÍBLICO

31º Domingo Comum – Ano A

Festa de Todos-os-Santos

01nov2020

Jeremias 31,31-34; Salmo 150; Apocalipse 7,2-4.9-14

S. Mateus 5,1-12

<sup>1</sup>Ao ver a multidão, Jesus subiu ao monte. Sentou-se e os seus discípulos foram para junto dele. <sup>2</sup>Jesus começou então a ensiná-los desta maneira:

<sup>3</sup>«Felizes os que têm espírito de pobres, porque é deles o reino dos céus!

<sup>4</sup>Felizes os que choram, porque Deus os consolará!

<sup>5</sup>Felizes os humildes, porque terão como herança a Terra!

<sup>6</sup>Felizes os que têm fome e sede de ver cumprida a vontade de Deus, porque Deus os satisfará!

<sup>7</sup>Felizes os que usam de misericórdia para com os outros, porque Deus os tratará com misericórdia!

<sup>8</sup>Felizes os íntegros de coração, porque hão-de ver Deus!

<sup>9</sup>Felizes os que promovem a paz, porque Deus lhes chamará seus filhos!

<sup>10</sup>Felizes os que são perseguidos por procurarem que se cumpra a vontade de Deus, porque é deles o reino dos céus!

<sup>11</sup>Felizes serão quando vos insultarem, perseguirem e caluniarem, por serem meus discípulos!

<sup>12</sup>Alegrem-se e encham-se de satisfação porque é grande a recompensa que vos espera no céu. Pois assim também foram tratados os profetas que vos precederam.»

1. A Festa de Todos-os-Santos é inexoravelmente uma invocação à fé. É uma memória, não da morte, na santidade, mas da vida vivida na nossa humanidade. Nesse sentido é verdadeiramente a Festa da Igreja, comunidade dos crentes em Jesus Ressuscitado, a festa da Vida de ontem, de hoje e de amanhã. A Festa que, olhando para o que nos rodeia, apela ao que está para lá do nosso quotidiano. Para lá da lágrima que “é só água e cloreto de sódio”, para lá do abraço feito saudação trivial, para lá do amor assente em convenções e palavras cansadas. Sim, a Festa de Todos-os-Santos é a celebração dum quotidiano próprio, passado e presente, de conteúdos simples, vindos do coração, cujo sentido a racionalidade humana não alcança mas que a bondade divina transforma em possibilidades “visíveis” pela fé que preenche o nosso olhar. Percebemos, então, que a santidade não se alcança, apenas se vive, à medida que nos deixamos invadir pelo amor de Deus e desse amor usamos na nossa relação com os outros; a santidade não é um dom, mas um modo de estar, um comportamento que se aprende particularmente com Jesus - «*Vinde e vede*» (S. João 1,39).

2. «*Jesus subiu ao monte*», isto é, a uma das colinas próximas de Cafarnaum, a sugerir a subida de Moisés ao Monte Horeb para falar com Deus e receber as Tábuas da Lei. Também nos recorda a Sua subida ao Monte da Transfiguração, onde Deus fez ecoar a proclamação identitária e clarificadora: “*este é o meu filho amado, ouvi-o*”. Na verdade, todos os atos da vida de Jesus se ajustam em contínuo significado que nos ajuda a “compreender a fé”.

Ei-Lo, ali, no cimo do Monte, sentado, rodeado pelos seus discípulos, com a multidão a seus pés, a ensinar. O quê? Uma outra realidade para as suas vidas, o espírito novo do Reino de Deus. Novo, não porque destrua o passado («*Não julgueis que vim destruir a Lei ou os Profetas; não vim destruí-los mas sim a dar-lhes cumprimento*» - S. Mateus 5, 17) mas porque o leva às suas últimas consequências (Romano Guardini, 1951). Realmente, ao ler tais ensinamentos e exortações de Jesus, provavelmente administrados em ocasiões diferentes, que começam com as designadas 'bem-aventuranças' e continuam até ao fim do capítulo 7, fica-se com uma sensação de que estamos perante uma utopia, algo para o que se olha mas que nunca se alcança. Porque somos humanos, temos na nossa constituição genética o vírus do pecado e, ainda, porque somos sempre fruto das circunstâncias que nos rodeiam e enformam. Parece, portanto, que Jesus nos quer complicar a vida, em vez de facilitá-la. É, a exigência é maior para quem é crente, porque, com a presença amorosa de Deus na sua vida, ganha em segurança interior, em confiança construtiva e em paz vivenciada. E tais condições existenciais são frutos que só o nosso Pai celestial concede e de que podemos apropriarmos pela fé. Assim nos explica o Evangelista, «*a nossa fé é a vitória que vence o mundo*» (I João 5, 4), ou seja, que nos possibilita conviver na comunidade humana com um equilíbrio emocional 'do outro mundo', com uma alegria compassiva e uma resiliência construtiva. Ora, este modo de estar aponta para a santidade no meio da 'cidade'.

3. Mas, o que surpreende no texto do Evangelho de hoje, também, é que o projeto de vida que Jesus ali nos apresenta não tem nada de religioso, não refere o cumprimento de práticas religiosas. É fundamentalmente um projeto de conduta ética, desafiando-nos a enfrentar os grandes problemas da humanidade: a pobreza e a fome, a injustiça, as relações humanas, a integridade de coração, a codícia ou o apetite desordenado das riquezas, a violência e a paz. Parece que Jesus fala para o nosso tempo que sofre de uma real carência de ética. Um sistema económico pensado e desenvolvido para enriquecer uns poucos, os mais poderosos, à custa do sofrimento e da morte da imensa maioria; a violência e as guerras com causas escusas; a intolerância que nos leva às agressões que cometemos uns aos outros. Enfim, no estado de depressivo quase permanente em que nos encontramos, desde o início deste século, por força das diversas crises que o mundo tem vindo a enfrentar, é de clamar ao Senhor que nos ajude a perceber que precisamos de encontrar critérios de ética mundial em que todos possamos coincidir e sobreviver.

Do que a nós, em particular, diz respeito importa ter presente que a nossa felicidade depende do nosso ser interior e da nossa filosofia de vida. Ora, é aí que o exercício da nossa religiosidade pode, ou não, fazer sentido. Então, precisamos de "*subir ao monte*", desligar da realidade exigente e manipuladora para alcançarmos momentos de sossego e liberdade interior para pensarmos o que somos e o que é o mais importante (prioritário) para a nossa caminhada de vida. Lá, no *monte*, confrontados com as nossas 'impossibilidades' podemos ouvir a palavra de Jesus «*a Deus tudo é possível*» (S. Mateus 19, 26) e descobrir que a religiosidade integrada na nossa vida diária é uma fonte incessante de retidão, generosidade e vida honesta, a par de paz e luz interiores, porque é Deus «*quem opera em nós o querer e o agir*» (Filipenses 2, 13). E isto é, de todo, a santidade a que somos chamados.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana